

APRESENTAÇÃO

Este número da **Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo** tem como tema **Literatura de Horror e Corpo**. Ao estabelecermos um projeto temático para este número buscamos delimitar um campo dos discursos ali produzidos e verticalizá-los em seus estudos. As intenções no tema, obviamente, não funcionam como fonte de controle das problematizações. Ao contrário, as teias das discussões que encontramos nesta Revista se estendem sobre diferentes espaços do discurso horrorífico, entrecruzam-se em linhas sinusoidais e avançam para fantásticos lugares múltiplos. Esse é o sabor de não poder prever o resultado de um grupo de estudos de textos heterogêneos. A surpresa do encontro com o discurso do outro é que é sempre maravilhosa.

Neste percurso temático podemos evidenciar algumas regularidades importantes para se pensar o que havíamos premeditado como literatura de horror. Em vários braços que se tocam, o horror se constitui aqui por lugares movediços e plurais. O horror é demonstrado pelos seus vieses fantásticos, em tudo aquilo que essa configuração tem de insólito, transgressor e subversivo no quadro da composição do medo, sem deixar de nos alfinetar com as posições do grotesco e do riso. Isso nos indica uma das características mais marcantes do horror, ou seja, os contornos que trazem à tona o excesso, a destemperança e o descontrole. As figuras nas quais estas tendências se realizam também são singulares. A mulher, historicamente tomada como lugar da transgressão, se destaca. O discurso feminino emerge e suscita, na compreensão do horror, um ponto de constante investigação. O boneco, a boneca cumprem o papel de discutir o tabu que não cabe aos vivos: a morte. A monstruosidade marca uma linha narrativa daquilo que não é possível dizer nos caminhos do que se considera socialmente normativo. Portanto, em meio à dispersão das posições dos autores desta Revista sobre o horror, somos instados a compreender o horror em suas diferentes faces. Haverá quem, ainda, nisso tudo queira uma resposta específica: “Mas, o que é literatura de horror?” Cartesianamente, não poderíamos respondê-la, visto as possibilidades de discursos outros e de tantos lugares que nos cruzam. O mapa nos é dado, a cada um cabe encontrar o seu tesouro.

As ondulações desses discursos colocam, então, em contradição constitutiva do próprio saber o corpo. O corpo se dá a ver por meio de suas posturas e gestos obscenos, pelas suas metamorfoses destemperadas, pelo jogo da deformação e da mutilação, através do abjeto, na forma do corpo que subverte a ordem do espaço e invade a desordem do possível na linguagem. Esses corpos, que nos são apresentados em consonância com a rede de significações e que povoam a ideia de horror, não são de carne e osso, não se visualizam sob o código biológico, não correspondem a um conjunto de fibras e ligações. Os corpos sobre os quais leremos aqui dizem do corpo social dessa nossa sociedade que precisa do não-real para poder fitar-se a si mesmo no espelho sem se congelar para sempre ou se petrificar pela eternidade afora. Acredito que veremos que as regiões corporais aqui suscitadas abarcam a delicadeza de dizer, o que não pode ser dito em qualquer lugar. O corpo é o lugar do limite para a imposição de normas sociais previstas pelo código de sua estrutura histórica.

Mais do que falar sobre, fazemos a todos o convite de ouvirem a voz de nossos autores em seus textos tão belos, tão estranhos. A porta está entreaberta.

Nilton Milanez
Marisa Martins Gama-Khalil